



NOTAS DE PESQUISA SOBRE A CORRESPONDÊNCIA ENTRE ALCEU AMOROSO LIMA E JACKSON DE FIGUEIREDO (1919-1928)

Adalmir Leonidio^{*}
Universidade de São Paulo – USP
leonidio@esalq.usp.br

RESUMO: Este artigo busca analisar a correspondência entre Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, a partir da hipótese central de uma visão de mundo romântica e conservadora presente em ambos os autores.

ABSTRACT: This article searches to analyze the correspondence between Jackson de Figueiredo and Alceu Amoroso Lima, from the central hypothesis of a romantic social vision of world and present conservative in both the authors.

PALAVRAS-CHAVE: Jackson de Figueiredo – Alceu Amoroso Lima – Romantismo – Conservadorismo

KEYWORDS: Jackson de Figueiredo – Alceu Amoroso Lima – Romanticism – Conservadorism

Introdução

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa em que se buscou analisar a correspondência entre Alceu Amoroso Lima – conhecido como Tristão de Ataíde – e Jackson de Figueiredo. Ambos os autores pertencem a uma geração de intelectuais no Brasil cuja trajetória individual contém elementos comuns, passando do cientificismo de fins do século XIX ao espiritualismo e ao catolicismo de inícios do século XX, cujos precursores são Farias Brito, Dom Sebastião Leme e Padre Leonel Franca. Politicamente, são todos nacionalistas e conservadores, filiados aos católicos franceses Rivarol, Joseph De Maistre e Louis De Bonald. Ideologicamente, há um eixo em torno do qual os elementos se articulam, conferindo certa unidade à visão social de

^{*} Doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atualmente é professor doutor da Universidade de São Paulo.

mundo desses autores: trata-se do romantismo, um romantismo eivado de conservadorismo e de tom trágico.

Em outro trabalho buscamos mostrar a visão romântica e trágica de Jackson de Figueiredo.¹ Uma visão resignada, que aceita a situação existente no Brasil, onde o capitalismo nascente partilha o terreno com elementos tradicionais importantes. É este precisamente o sentido de “ordem” e “hierarquia” que perpassa toda a obra do pensador católico brasileiro. O que buscaremos mostrar aqui é maneira como estas questões se apresentam na obra de Alceu Amoroso Lima, a partir do diálogo e da amizade com Jackson de Figueiredo.

Na primeira parte deste artigo buscaremos delimitar o objeto sobre o qual nos debruçaremos, isto é, o conjunto de cartas que compõe a correspondência entre Alceu e Jackson. Numa segunda parte, buscaremos levantar os principais temas e problemas que envolvem este objeto, que são, resumidamente, a influência de Jackson sobre Alceu e a conversão deste ao catolicismo. Numa última parte, buscaremos esboçar a hipótese de como esta influência marcou a visão de mundo do Tristão de Ataíde.

As cartas

O período da correspondência entre Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima está compreendido entre os anos de 1919 e 1928, de acordo com os originais, em posse de ambas as famílias, cedidas à Academia Brasileira de Letras para a edição na qual se baseia esta análise.

Houve ao todo quatro edições das cartas de Jackson de Figueiredo. A primeira é de 1939, pela editora ABC. A segunda e a terceira são de 1945 e 1946, ambas pela editora Agir. Nas duas primeiras edições só há cartas de Jackson. Na terceira aparecem também as cartas de outros correspondentes, mas não as de Alceu. Seus correspondentes mais importantes são Perilo Gomes, Ildefonso Araújo, Abelardo Cardoso, Xavier Marques, Mário de Alencar, Félix Pacheco e Afrânio Peixoto. Todas essas correspondências são anteriores a 1919. Apenas na quarta edição, da Academia Brasileira de Letras, figuram as cartas de Alceu. Esta é também a que contém o maior volume de cartas de Jackson. Enquanto as três primeiras edições apresentam um total de 55 cartas, a quarta contém 244.

¹ Cf. LEONÍDIO, Adalmir. Romantismo e conservadorismo em Jackson de Figueiredo. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 5, Abr. 2005.

A quarta edição encontra-se dividida em dois tomos.² O primeiro apresenta 55 cartas de Jackson e 65 de Alceu. Elas compreendem o período que vai de 1919 a 1927. As 124 cartas restantes encontram-se no tomo dois e compreendem sozinhas o ano de 1928. Esta desproporção deve e tem outras explicações – as quais buscaremos enfocar mais adiante – mas ela acusa um problema que pudemos observar na distribuição cronológica das cartas: as imensas lacunas ou ausências. Em 1919 há apenas uma carta de Jackson. Em 1920 há uma de Jackson e duas de Alceu; o mesmo se repetindo para o ano de 1922. Em 1923 há apenas uma carta de Alceu, enquanto em 1924 há quatro. Todas as demais concentram-se entre os anos de 1927 e 1928. Não há carta alguma em 1921, 1925 e 1926. É preciso lembrar que Jackson e Alceu eram grandes amigos. Por que não haveriam de se corresponder? Além disso, há cartas sem respostas, bem como há respostas de cartas que não foram apresentadas na referida edição.

Os editores desta quarta edição optaram por algumas correções dos originais. Alguns dos pontilhados que indicam ausência ou reticência na informação foram suprimidos, por exigência das famílias de ambos os autores. Houve uma unificação do critério do uso de maiúsculas, grifos e aspas. Eliminou-se ou acrescentou-se pontuações, abriu-se ou fechou-se parágrafos, etc. Estas correções omitem algumas marcas originais do texto que talvez sejam importantes para fins não apenas estéticos, mas também de conteúdo. O pontilhado, por exemplo, se repetido com muita frequência, pode denotar desde uma precária situação financeira à existência de idéias subentendidas, ou que convinhem não revelar. Mas elas revelam algo muito importante, que é a despreocupação quase que total de Jackson e Alceu (aquele mais do que este) com questões formais ou literárias. Jackson, ao que parece, escrevia quase sempre com muita pressa, embora a grande maioria de suas cartas seja muito prolixa, ocupando às vezes sete ou oito páginas.

Tudo indica que Jackson tinha predileção por este gênero de escrita. A discussão com Alceu marcou o início de uma correspondência quase diária. Pode-se dizer que este é o gênero que mais corresponde ao seu temperamento e à sua visão de mundo romântica e trágica, conforme buscaremos mostrar. Ele representa a possibilidade de um mergulho no mundo afetivo, das ligações íntimas, das confissões. Marca também a sua estética de tipo subjetivista, preocupada excessivamente com o

² **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995.

mundo da moral e da transcendência mística. Em Jackson nunca se separam homem e obra: “é porque Tristão é Alceu que Tristão me interessa”. Preocupado mais com a amizade do que com a postura crítica, Jackson é sempre muito cauteloso com as palavras. Como se mostrou em outro trabalho,³ sua trajetória de vida pessoal, bem como os laços de amizade que efetuou são de fundamental importância para a elaboração de seu pensamento. Sempre afetivo, Jackson exagera nos superlativos: “Quanto ao que entendemos por autoridade, também estamos de pleníssimo acordo. Somos fidelíssimos discípulos do iluminado sensatíssimo Santo Tomás”.⁴

Embora Alceu tenha sofrido forte influência de Jackson, levando-o mesmo a alterações visíveis de estilo, a sua preocupação estética define desde já o seu perfil de escritor. Gostava de exercer com frequência a atividade de crítico literário, mesmo com obras que lhe eram carinhosamente recomendadas por Jackson, como a do poeta e amigo Xavier Marques:

Para mim a prosa é um mau elemento de expressão do maravilhoso e daí provém a impressão dúbia e híbrida dos poemas em prosa, como em parte pretende ser a Cidade Encantada. A prosa deve partir da realidade para a fantasia ou permanecer na própria realidade (romance e crítica, por exemplo); a poesia deve permanecer na fantasia ou descer da fantasia à realidade (poesia lírica e épica, por exemplo).⁵

Embora isolado do meio literário de sua época, Alceu considerava-se um homem de letras, ao contrário de Jackson, que para ele era homem de ação. Talvez por receio de sofrer influência, não gostava de ler jornais, na verdade nunca os lia, tinha “horror a jornal”, conforme gostava de afirmar. Tinha sempre em grande consideração a sua pretensa autonomia de crítico, mesmo quando este isolamento dava-lhe o tom pessimista do diálogo:

Nunca poderei ser um crítico, na verdadeira acepção da palavra. E isto por uma causa que parecerá antes uma vantagem do que um empecilho: o isolamento [...] Não tenho amigos literários. Não tenho em torno de mim esse apoio incomparável, insubstituível, indispensável talvez, de um grupo.⁶

Era um homem de hábitos solitários e tinha em grande conta o individualismo, tomado em sentido amplo: “[...] como são solitárias, embora ardentes, as alegrias do

³ Cf. LEONÍDIO, Adalmir. Romantismo e conservadorismo em Jackson de Figueiredo. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 5, Abr. 2005.

⁴ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo**. Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 7.

⁵ Ibid., p. 9.

⁶ Ibid., p. 27.

individualismo”.⁷ Possuía um estilo de vida bastante regrado. Ficava sempre no escritório todos os dias após as três e meia. Em casa, estava todos os dias à noite, conforme revela em sua carta de 08/10/1927. Sua companhia era quase sempre a dos livros e sua biblioteca era o único lugar onde passava as “únicas horas boas” de sua vida.⁸ Até o seu maior amigo, Jackson de Figueiredo, era quase epistolar, sendo muito raros os contatos pessoais. Gostava sempre de escrever às altas horas da madrugada, quando se encontrava realmente a sós.

O isolamento estava relacionado ao seu diletantismo intelectual, conforme gostava de dizer. Talvez daí derive seu padrão estético, de tipo objetivista, imparcial, preocupado com o que há de geral em uma obra literária, e não com as marcas singulares de um autor, ao menos em princípio. Comentava sempre com Jackson que não escrevia nada contra a sua consciência, porque se assim o fizesse seria forçado a dizer um adeus “a esse ingrato mas sedutor mister de crítico de primeira mão, mas não de primeira água”. Isto é, ele se recusa a escrever tendo em vista fins pessoais, e busca sempre uma crítica considerada por ele “desinteressada”:



A primeira condição que me imponho ao escrever, é fazer de conta que não vou ser lido pelo interessado, ou por aqueles a quem o interessado interesse. Nunca me preocupo, portanto, com o efeito que vou causar.⁹

Ao contrário de Jackson, para Alceu homem e obra nunca se confundem: “Pensa você que ao julgar o valor estético de uma obra, indago do valor moral de seu autor?”. Esta carta de 01/09/1920 busca responder uma outra de Jackson, em que este reclama da “má vontade” de Alceu ao ler o livro de um “velho amigo” seu; trata-se do livro *Cidade encantada*, de Xavier Marques. A este respeito, indaga Alceu: “[...] não estamos discutindo senão o valor intrínseco de um livro, cujo autor não está absolutamente em debate, não é assim?”.¹⁰

Talvez seja em virtude disso que Alceu apresente um estilo mais solto, ou menos empolado que o de Jackson. Embora faça questão de destacar o seu tom impessoal e mantenha-se sempre polêmico e crítico, é sempre muito educado e

⁷ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 12.

⁸ Ibid., p. 39.

⁹ Ibid., p. 15.

¹⁰ Ibid., p. 17.

cuidadoso com as palavras, fazendo questão de finalizar as cartas afirmando sua amizade.

Embora Alceu apresente uma estratégia retórica muito particular, que ao contrário de Jackson não busca persuadir, mas colocar-se na defensiva, pode-se perceber uma marca do estilo retórico da época em ambos autores: os ataques, bem como os elogios mútuos, bastante exagerados, às vezes, como este que Alceu faz a Jackson: “nenhum escritor português ou brasileiro, passado ou contemporâneo, me impressionou como você”. Às vezes este conjugado de ataques e elogios adquire um tom todo particular, em que um autor fala mal de si e elogia o outro. O exagero era tal que o próprio Alceu, em tom pessimista, chegou a notar: “Se alguém de fora lesse essas nossas cartas diria que nós, em vez de rasgar sedas como se diz, estávamos rasgando mulambos, desvendando fraquezas, etc.”.¹¹

Um grande número de cartas resume-se a trocas de informações sobre livros e indicações de leituras. Assim como as cartas, são muitos os livros arrolados, tornando por isso inviável, para os objetivos deste trabalho, a sua enumeração. Mesmo aquelas cartas que não se detêm exclusivamente neste tipo de tarefa, trazem tal informação. Estas cartas são um material importante para se saber o que os autores estavam lendo naquele período, e portanto a base para um estudo minucioso que busque unir trajetória de vida e estilo de pensamento.

Muitas vezes estas indicações mútuas de leitura era motivo de tensas discussões, sobretudo por parte de Alceu, que se pretendia um contundente crítico literário. A carta de 01/09/1920 é um exemplo disto. Ela parece ser um comentário de Alceu a uma carta anterior de Jackson. Não foi possível a consulta a esta carta, já que ela não consta da edição consultada. Ao que tudo indica Jackson teria pedido a Alceu uma resenha do livro *Cidade encantada* de Xavier Marques, amigo seu desde os tempos em que residiu na Bahia. A tal resenha parece ter-lhe desagradado. Às críticas de Jackson, Alceu busca responder com o tom pretensamente imparcial de sempre, ressaltando sua preocupação com os problemas estéticos da obra e não com a vida do autor.

Este parece ser o tema central das cartas de 01/09/1920, 03/09/1920, 05/09/1920. Ele retorna, embora não seja o foco central da discussão, nas cartas de

¹¹ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 48.

17/10/1922, 20/10/1922 e 02/02/1923. Daí por diante ele quase não aparece mais. Como há um intervalo muito grande, aparentemente sem cartas, entre setembro de 1920 e outubro de 1922, é possível que esta discussão tenha se prolongado por muitas outras cartas. No essencial elas revelam as posturas de Jackson e Alceu diante do problema da imparcialidade na crítica literária. A este respeito já foram feitas algumas observações, que podem ou não servir de base para análises mais aprofundadas.

Um outro tema importante e que ocupa um considerável espaço nas cartas é o relativo à religião, ou melhor, as discussões em torno da Igreja e da ação católica. Dentro desta discussão mais ampla aparece o problema da gradual conversão de Alceu ao catolicismo. Ela se inicia com a carta de 17/10/1922 e se repete por quase todas as cartas daí em diante. Pode-se dizer que é o tema mais recorrente nas cartas. Sobre este assunto retornaremos mais adiante.

Por último, há o tema relativo às questões políticas que se apresentavam à época. Nele é possível ver mais claramente questões ideológicas e relativas à visão de mundo dos dois autores; aquilo que, por trás da aparente diferença de temperamento, une mais intimamente os dois autores. Mas isto é apenas uma conjectura, ou melhor, uma hipótese que buscaremos explorar na última parte deste trabalho. O tema aparece de maneira central nas seguintes cartas: 02/02/1923, 20/08/1924, 30/03/1927, 22/04/1927, 24/04/1927, 22/07/1927, 28/07/1927 e 12/08/1927. Em outras cartas ele aparece como tema conexo. Em grande parte das cartas ele aparece misturado às discussões sobre a Igreja e o catolicismo, o que é um importante indicativo para questões relativas à ideologia e à visão de mundo dos autores. Nelas destacam-se as posturas conservadoras, baseadas nas idéias da Ação Francesa, como defesa da Monarquia com base no catolicismo, do autoritarismo político e da ação repressiva contra atitudes consideradas revolucionárias.

Em torno de alguns problemas

Um dos problemas centrais que aparece nas cartas diz respeito à importância da amizade de Jackson não apenas para a conversão de Alceu ao catolicismo, mas também para a conformação de sua visão social de mundo. Um indício importante destas transformações pode ser percebido, em princípio, na forma gestual, quase inconsciente com que Alceu inicia suas cartas. Nas primeiras cartas o destinatário figura quase

sempre como “Meu caro Jackson”, ou simplesmente “Jackson”. À medida que a amizade vai se intensificando vem a lume um tom um pouco mais informal, íntimo até: “Querido Jackson” ou “Meu querido Jackson”. Ao fim das cartas o tom também se modifica consideravelmente. A princípio, embora mantendo uma postura polêmica e crítica, Alceu encerra suas cartas afirmando sua amizade. Mas à medida que a amizade intensifica-se, busca termos mais cativantes como “Do teu querido Alceu”, pretendendo com isso não apenas afirmar a amizade, mas, sobretudo, torná-la mais intensa e consolidada.

Conforme salientamos, há um salto nas cartas de setembro de 1920 para outubro de 1922. Por isso não é possível acompanhar este percurso, relativamente longo, em que Alceu começa a mostrar traços de influência de Jackson em sua trajetória pessoal. Os primeiros indícios neste sentido aparecem na carta de 17/10/1922, após um período de quase quatro anos de amizade entre os dois. Ela mostra um Alceu mais parcial, íntimo, pessoal:

Não sei ainda como vou responder ao teu artigo. Ele é tão sincero, tão honesto e tão profundo, evoca tanta coisa dentro de mim, que não sei bem o que vou dizer-te. Teu artigo não provoca uma resposta: pede alguma coisa de mais íntimo, de mais confiante. Estamos aqui falando de coração a coração, sem o demônio do leitor entre os dois.¹²

“Sinceridade” e “honestidade” seriam palavras que Alceu jamais empregaria para se referir a um artigo, se não fosse o contato epistolar quase diário com Jackson. Ele se mostra mais cauteloso, menos agressivo nas suas respostas. Já não defende seus pontos de vista de maneira tão veemente, mesmo quando se trata de assuntos polêmicos, como religião, que é o tema desta carta. Está agora mais preocupado com as reações que sua crítica vai gerar. Antes, nas primeiras cartas, como crítico imparcial que se julgava, costumava dizer: “nunca me preocupa o efeito que vou causar”. Agora, contrariamente, é possível entrever uma outra postura, que se mostra na cautela com que Alceu responde aos comentários de Jackson a respeito da fé: “Quem aqui não crê e ousa dizer que não crê, é que não pode encontrar em torno a si senão o desdém, a falsa admiração e mesmo a declarada antipatia”.¹³

Um traço forte das mudanças porque vinha passando Alceu se encontra na sua gradual conversão ao catolicismo. O trecho a seguir revela três coisas importantes: a

¹² **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 32.

¹³ *Ibid.*, p. 33.

mudança de tom com que ele se expressa nas cartas, o aumento dos laços de amizade e a sua lenta conversão. Ele é parte de uma conversa com Jackson a respeito da sua resistência em aceitar as doutrinas da Igreja:

Concordo plenamente contigo que não tenho um conhecimento profundo da doutrina da Igreja para poder combatê-la. A ignorância, porém, não pode ser de forma, em gente que possua dois dedos de discernimento, uma razão de crer. É possível que um dia, quando puder penetrar mais fundamente nesses princípios que há dois mil anos regeu o mundo ocidental, é possível que também me curve, como os outros, perante eles. Mas justamente porque posso lá chegar, e penso que seria nesse caso um adepto ardente e convicto, não quero que haja dúvidas sobre a minha atual posição, embora concorram esses esclarecimentos para que te afastes ainda mais de mim, não eu de ti, pois quanto mais me feres a vaidade, mais me sinto preso a ti, a quem considero como o único verdadeiro amigo que possuo, embora um verdadeiro abismo de idéias nos separe e tão pouco nos encontremos pessoalmente.¹⁴

Mais adiante será possível ver como esse “abismo de idéias” ao qual se refere Alceu vai aos poucos se desfazendo. Contudo, é nítida ainda a resistência de Alceu em aceitar as doutrinas da Igreja. Mais do que isso: é clara a persistência dos traços laicos de seu pensamento. Mais do que aceitar, ele quer compreender tais doutrinas, marcando posição em relação à sua pretensa autonomia de pensamento. E quer compreendê-las, não para aceitá-las, mas para criticá-las:

Como ia dizendo, portanto, não me vejo forçado, pela ignorância que confesso da verdadeira doutrina da Igreja, a abraçar uma causa que sinto ainda estranha a mim. Limito-me a não combater um sistema de que tenho apenas noções superficiais. Mas daí a ser infiel ao meu sentimento íntimo e aos resultados a que chegaram os meus pequenos esforços de pensar livremente, isso é que nunca. [REFERÊNCIA!!!]

Em parágrafo mais a frente, no entanto, fica claro o quanto era hesitante, pouco firme esta sua posição, que oscila entre a fé e a razão ou entre a cultura do sentimento e a da fria razão, como costumam colocar os românticos:

Mas sei também que, sinceramente, o meu instinto mais profundo, a minha intuição mais pura, a minha fé mais ardente, me dizem que a grandeza suprema do homem está primeiramente na bondade, isto é, no sacrifício, no perdão, no altruísmo, na tolerância, enfim, no amor, que tudo diz; e em seguida na livre inteligência das coisas.¹⁵

¹⁴ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 37.

¹⁵ Ibid., p. 56.

A admiração por Jackson e a amizade que crescia a cada contato entre os dois era um fator primordial para desenvolver em Alceu esta “cultura do sentimento”, tornando-o cada dia mais hesitante:

A tua grande força está em sentires que quanto mais alta for a tua voz, quanto mais ouvida e seguida for a tua doutrinação, maior será o bem que espalharás em torno de ti, maior a contribuição com que concorrerás para consolidar cada vez mais o edifício social e para trazer aos homens desolados um pouco do orvalho da fé. Ao que passo que a minha franqueza – a nossa franqueza, a franqueza dos que não crêem mas disso não tiram orgulho algum, muito ao contrário, uma grande aflição – está em sentirmos que quanto menos sonora for a nossa voz, menor será o mal que dela derivará para os homens.¹⁶

É preciso ter claro com que insistência Jackson coloca-se diante de Alceu, para que se entenda o quanto isto é significativo em sua atitude de abandono gradativo das posições aguerridas de crítico literário, simpático ao racionalismo e ao individualismo. Em resposta à carta anterior de Alceu, assim se expressou Jackson:

Decorrente ainda da sinceridade que lhe reconheço, e dada a sinceridade minha própria, aclara-se a minha única atitude diante de você, como diante de todos a quem amo: quando os discuto, a coisa literária é secundária para mim, ou ainda menos. Penso mais na salvação de sua alma do que no seu livro, na sua crítica, etc.¹⁷

Aqui há uma lacuna na correspondência entre os dois, mas tudo indica que esta discussão tenha se prolongado por outras cartas. Na carta de 07/03/1924 aparece uma importante declaração de Alceu, que marca bem o quanto ele próprio vinha sentindo a influência de Jackson, o quanto isso contribui para a aceitação das doutrinas da Igreja:

Nem por um momento pense que magoou qualquer palavra tua. Ponho nossa amizade acima da vaidade das idéias. Você bem sabe que ação mais sensível que o meu espírito terá recebido provém de você, de suas idéias, de seu caráter e da segurança, às vezes paradoxal, dos seus pontos de vista [...] Li há pouco uma frase num impressionante artigo de um francês de vinte anos – Marcel Arland, que ressoou longamente em mim mesmo: ‘nenhum sistema me satisfaz, e a falta de um sistema me angustia’.¹⁸

Na carta de 20/08/1924 é possível ver que Alceu não apenas percebia as influências que vinha sofrendo de Jackson, bem como ansiava pelas mudanças já em curso: “Não têm faltado ao Brasil católicos de valor, nem à causa da Ordem defensores à altura de sustentá-la. O seu caso, porém, é diferente e sou bem insuspeito para falar

¹⁶ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 62.

¹⁷ Ibid., p. 75.

¹⁸ Ibid., p. 70.

dele, pois muita coisa ainda nos separa, não sei até quando”. Este “até quando” soa quase como uma premonição.

Neste momento de indecisão era importantíssima a capacidade de persuasão de Jackson, que sabia na hora exata encontrar as palavras certas:

Alceu! Da última conversa que tivemos ficou-me a impressão do quanto você tem ultimamente se assenhoreado do movimento católico, que afirma as esperanças do homem moderno, ainda a esta hora de tão singulares incertezas. Leio nos seus olhos e nas suas palavras uma séria simpatia pela obra da Igreja. Mas seja como for, de uma coisa estou certo: e é que você poderia colaborar comigo na defesa do que chamo as obras avançadas da verdade social.¹⁹

A frase “verdade social” deve ter soado como um poderoso estímulo na alma de Alceu, e a resposta vem no dia seguinte:

Aceito com prazer sua idéia [...] você como de costume viu justo. Estou hoje muito mais perto da Igreja do que já estive. Mas ainda estou muito longe do objetivo. Lembra-se você há um ano ou dois, de uma conversa que tivemos no meu antigo escritório? Perguntava-me você por que não estudava eu mais de perto a doutrina da Igreja. E eu lhe respondi que estava com medo de começar a ter mais desilusão com esse último recurso. Pois bem, resolvi começar [...] A coisa é imensa e muito mais complexa do que se pensa. E o caminho tem espinhos insuportáveis. E por vezes sinto a minha alma como uma floresta ardida até as raízes e onde a semente já não consegue brotar de novo.²⁰



Nesta mesma carta uma outra declaração de Alceu parece ser chave para a abertura que Jackson pretende em seu espírito: “Você representa na minha vida o homem que eu teria querido ser. E daí a verdadeira obsessão que você sempre exerceu sobre mim”.

Mais uma vez a insistência retórica de Jackson mostra-se fundamental e de excepcional oportunismo:

Há em mim algo de completo, que falta a você, quero dizer, quando eu o encontrei já era o católico que sou [...] Daí lhe parecer que eu sou a atração e você o atraído. Mas, neste sentido, o que atrai não sou eu, e sim, positivamente, o mundo de idéias que obscuramente represento [...] Eu sei que a você mesmo surpreenderá tudo quanto lhe estou a dizer e o mais que vou dizer, mas é certo que, desde que conversei com você a primeira vez, senti que o seu eu retratava perfeitamente o meu eu verdadeiro. (carta de 22/04/1927)

¹⁹ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 79.

²⁰ *Ibid.*, p. 85.

Depois desta carta só foi possível o acesso a uma outra de 24/04/1927, onde o tema da conversão de Alceu não aparece. Ele só é retomado na carta seguinte, datada de 09/07/1927. Há, portanto, uma lacuna muito grande, mas é provável que o tema tenha sido discutido mais vezes entre os dois. Ao que parece esta carta marca, dentre as que possuímos, o momento em que as resistências à doutrinação da Igreja praticamente se dissiparam. Tendo aceitado a sua própria conversão e deixando-se influenciar pelo espírito missionário de Jackson, a sua única preocupação agora é a conversão de outros homens ao catolicismo, a propagação da fé cristã. A longa citação a seguir revela com relativa clareza este importante acontecimento:

Mando-lhe junto essa carta do Augusto Meyer. Você não acha que já consegui alguma coisa? Sei bem que provavelmente ele nunca se converterá de todo, por vários motivos, mas enfim, já consegui jogar um pouco de inquietação na sua alma, e clarificar algumas coisas. Ele estava inteiramente no vago.

Creia, meu querido Jackson, hoje já não peço a Deus apenas fé. Peço também inteligência para propagar, para comunicar a fé. Porque começo a sentir não mais a inquietação de chegar à verdade, mas a inquietação de mostrar a verdade.

É toda uma revolução no meu espírito. E que devo tanto a você, meu querido e corajoso amigo, depois de Deus.²¹

Jackson de Figueiredo acha que o essencial da dúvida entre os dois já se encontra harmonizado, e portanto não há mais o que discutir. Era preciso agora passar à ação. As cartas daqui por diante concentram-se nas questões políticas, conforme é possível notar neste depoimento de Jackson:

Chegamos a esta conclusão: é necessário reforçar o princípio de autoridade porque não pode haver sociedade, e muito menos civilização, onde não houver autoridade. Quanto ao que entendemos por autoridade, também estamos de pleníssimo acordo. Aceito todas as restrições, todas as garantias teóricas, que você pede. Autoridade não é força bruta em ação. Somos, neste ponto, fidelíssimos discípulos do iluminado sensatíssimo Santo Tomás [...] As nossas ainda inegáveis dissensões estão, Graças a Deus, circunscritas ao particular, a questões práticas, de aplicação, de método, etc.²²

A fórmula política de Jackson é clara: crítica ao liberalismo e ao regime democrático, defesa do princípio de autoridade e da monarquia cristã. Para Alceu, no entanto, a expressão é mais dúbia. Neste sentido sua visão de Brasil torna-se bem mais

²¹ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 82.

²² *Ibid.*, p. 89.

interessante, mais realista, porque menos panfletária, talvez. A sua fórmula é uma mescla de federalismo com centralismo político:

A fórmula política brasileira a que eu há muito tempo cheguei é a seguinte: centralismo político, federalismo administrativo e localismo econômico [...] Agora, basta passar à realidade, ao fato, ao concreto, para sentir uma verdadeira vertigem, como se a realização de tudo isso viesse a degenerar em males piores do que os que procura atender.²³

A esta altura a conversão de Alceu já era um fato, sendo a sua adesão às doutrinas da Igreja e posterior combate em seu nome apenas uma questão de tempo. Tempo que se precipitou com a morte trágica de Jackson, que teve o efeito de um golpe decisivo no espírito de Alceu. Neste sentido, seria interessante analisar as obras produzidas por ele antes e após este período, para que se tenha uma melhor visão de conjunto de sua obra.

Sugestões e hipóteses para análise

Inicialmente, como foi visto, há diferenças entre os pensamentos de Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima. Mas estas diferenças vão aos poucos se atenuando, até que se torna difícil distinguir entre o que são diferenças de superfície e o que são diferenças mais estruturais, por assim dizer. Neste caso, é difícil separar a trajetória de vida pessoal do autor de sua visão social de mundo.

Entende-se por visão social de mundo um estilo de pensamento socialmente condicionado.²⁴ Trata-se de um conceito que permite julgar a importância dos diferentes textos produzidos em uma determinada época e sua significação no conjunto da obra de um determinado autor. Ela leva à constatação da existência de uma realidade que não é puramente individual e que pode se exprimir através de uma obra artística ou intelectual.²⁵

O conceito deve ser empregado, no entanto, com certo cuidado, pois como podemos ver, a partir do exemplo da correspondência entre Jackson e Alceu, história de vida e comportamento de classe ou grupo social se complementam mutuamente.

²³ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 94.

²⁴ Cf. LÖWY, Michel. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen.** São Paulo: Busca Vida, 1987.

²⁵ Cf. GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

A nossa hipótese aqui é que apesar das diferenças de pensamento e das transformações por que passou Alceu, a sua visão de mundo é de tipo romântico-conservadora, e que a influência de Jackson foi decisiva para isso. O conceito de romantismo, encarado de um ponto de vista sociológico, foi desenvolvido por Michel Löwy²⁶ e designa uma estrutura mental coletiva, que pode se manifestar em campos culturais bastante diferentes: não somente na literatura e nas outras artes, mas também na filosofia, na teologia, no pensamento político, econômico e jurídico, na sociologia e na história, etc. Segundo esta definição, o romantismo é, por essência, uma reação contra o modo de vida da sociedade capitalista moderna, em nome de valores de um passado pré-capitalista e pré-moderno.

O romantismo de tipo conservador pode aceitar, a contragosto, alguns aspectos do capitalismo. Como ele não visa restabelecer ou restituir pura e simplesmente um passado longínquo, mas tão somente manter ou conservar o estado tradicional da sociedade não tocada pela revolução, a sua principal característica é ser contra-revolucionário. Assim, os românticos conservadores defendem uma sociedade que já se encontra efetivamente encaminhada na via do desenvolvimento capitalista, mas que é apreciada precisamente por aquilo que retém das formas antigas, anteriores à modernidade. Esse é o tipo mais comum em sociedades onde o capitalismo não se desenvolveu plenamente. Os seus principais expoentes são, na França, os católicos Joseph De Maistre, Charles Maurras e Louis de Bonald, e no Brasil Jackson de Figueiredo.

A visão de mundo romântica conservadora tem um importante componente trágico-escatológico. A visão trágica caracteriza-se por uma recusa radical do mundo empírico e uma aspiração à outra vida, regida pela busca do absoluto e à espera do milagre. Ela é marcada pelo “tudo ou nada”, recusando o “mais ou menos”, existindo apenas os extremos: o autêntico e o inautêntico, o verdadeiro e o falso, o justo e o injusto, o valor e o não valor.

Assim, quando ligada ao romantismo, o que caracteriza a visão trágica é uma recusa absoluta da sociedade capitalista, mas sobretudo a idéia de contradição insuperável entre os valores e a realidade. O romantismo conservador apareceu a partir da segunda metade do século XIX, quando a industrialização capitalista parecia cada

²⁶ LÖWY, Michel. **Revolta e melancolia**: romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1995.

vez mais um processo irreversível, e quando a esperança de uma restauração das relações sociais pré-capitalistas tendiam a esfumar-se. Portanto, o que desespera esses românticos é a sensação de que a sociedade atual é irreversível.

Assim, pode haver um certo sentimento nostálgico, como nos reacionários franceses medievalistas, ou no próprio Jackson, fazendo eco em Maurras, De Maistre e De Bonald, conforme revela o parágrafo a seguir:

A esperança imediata do espírito humano na crise terrível que atravessa o mundo, deve ser a filosofia, porque ela somente é capaz de impedir a morte das religiões, até que mais uma vez o milagre se faça a realidade que nos empolgue, que nos arraste do cimo de um Calvário à paz severa das novas catedrais de uma outra Idade Média, uma outra idade de harmonia completa.²⁷

Isto explica-se porque é a referência ao passado o principal elemento do pensamento romântico. Contudo, não é este sentimento que caracteriza a visão de mundo dos românticos conservadores. Ela não visa restabelecer um passado longínquo, porque sabe da impossibilidade desta tarefa, mas tão somente manter um estado tradicional da sociedade, neste caso identificado com o catolicismo. Os principais elementos políticos desta visão são as idéias de ordem, reação e autoritarismo, presentes tanto em Jackson como em Alceu. Eles dão relevo à crítica engendrada por esses românticos à noção de progresso, bem como às concepções científicas e liberais em voga no Brasil na época.

Mesmo quando busca, num esforço consciente, marcar sua “diferença de espírito” (a que chama equivocadamente de “espírito burguês”) em relação a Jackson, fica clara a visão melancólica e revoltada de Alceu:

Você luta contra o que tem de mais elevado em si. Mas eu luto contra o que tenho de mais baixo. Você luta contra um temperamento de revolucionário. Eu luto contra um temperamento de burguês. Você luta contra o anarquista que há em você, queira ou não queira o reacionário que você criou em si para acorrentar o outro. Eu luto contra o servil, o que se submete, o que aceita, o que se resigna. Você luta contra o destemperado de seu espírito, à custa de uma dolorosa ‘reação de bom senso’. Eu luto contra o excesso de bom senso, o oportunismo, o acomodaticio, o conciliador.²⁸

Estas declarações, que podem ser entendidas como um interessante *insight* do “espírito burguês” no Brasil (oportunista, acomodado, conservador enfim), revelam na

²⁷ FIGUEIREDO, Jackson de. **Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito**. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1916, p. 207.

²⁸ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo**. Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 113.

verdade o sentimento de fim de século típico de muitos intelectuais ligados ao conservadorismo de certos grupos. O longo parágrafo a seguir revela o ranço romântico e trágico deste sentimento:

Sinto-me num beco sem saída. Sinto-me ferido de morte. Sinto-me velho. É exato. Sinto-me sem força. Sinto-me esgotado. Nunca fiz nada para isso. Nada justifica isso, a não ser essa terrível obliquidade para o medíocre, que é o meu demônio interior. É isso, meu velho. Não me sinto pior do que os outros. Sinto-me horivelmente como os outros. Vivo mergulhado numa tristeza sem fim. E o meu único consolo é dizer-te isso, é desabafar em uma alma imensa e trágica como a sua.²⁹

Em resposta, Jackson resume bem o que é esta sensação de impotência diante do mundo moderno através da seguinte indagação: “Que pode uma alma?”. E como se quisesse dar conforto à alma de Alceu, acrescenta:

Como você, ora é o tédio monstruoso como um lago de névoa, suspenso, ante os meus olhos, tomando toda a paisagem espiritual; ora são os sentimentos mais languescentes, indefinidos, dolorosos, miserabilíssimos... Saiba você que, no domínio da ação, não é raro surpreender-lhe com uma tão nítida consciência do meu ridículo, que se não fora fé em Deus, ou o que quer que seja de covardia e de baixa conformidade, talvez o suicídio me fosse também a única porta aberta.³⁰

Envolvido pelo entusiasmo das idéias, a resposta de Alceu vem na certa seguinte. Ela revela com mais clareza o conteúdo trágico de sua visão:

Nas horas mais felizes da minha busca pelo sobrenatural, nas horas em que a sede chega a resultados um pouco mais tranquilizadores e que chego até a existência de Deus, nessas horas a heresia que representa o máximo a que chego é isto – o homem é uma experiência que Deus abandonou.³¹

Conclusão

Como foi visto, Alceu não apenas adquire os “vícios” de linguagem de Jackson, a maneira hiperbólica de se expressar, como também deixa de lado os seus próprios temas, que giravam em torno da crítica literária. Seus temas agora são os de Jackson. Em carta de 18/10/1927 ele assim se expressa: “Li a carta do Pe Franca mais do que comovido, humilhado”. Além disso, tornou-se totalmente permeável às opiniões

²⁹ **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 116.

³⁰ Ibid., p. 119.

³¹ Ibid., p. 122.

e críticas de Jackson: “Tanto uma censura sua me queima como chumbo derretido, quanto uma aprovação desperta uma verdadeira revoadada em meu espírito”.³² A passagem a seguir não deixa dúvidas quanto à influência do romantismo trágico e conservador de Jackson:

O homem moderno, o homem estragado pela ciência, pelo progresso, pelo êxito, pelo luxo, pelo dinheiro, pela volúpia, por toda essa banalização contemporânea, por todo esse hedonismo, que é a filosofia do homem médio de hoje.³³

Buscou-se aqui apenas esboçar a hipótese do romantismo conservador e trágico de Alceu, a partir da influência de Jackson. É preciso no entanto juntar a esse conjunto de cartas as demais obras produzidas daí por diante, a fim de perceber em que medida ela explica a visão de mundo de Alceu Amoroso Lima. Em outras palavras, é preciso unir numa explicação global aquilo que os críticos literários costumam chamar “vida e obra” do autor, a partir de um eixo, de um nexos explicativo, que é o conceito de visão social de mundo romântica.



www.revistafenix.pro.br

³² **CORRESPONDÊNCIA entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.** Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995, p. 120.

³³ *Ibid.*, p. 121.